AS FOTOS/NARRATIVAS OU AS MEMÓRIAS/FOTOGRAFIAS DO ARTE/EDUCADOR[1]: LECIONAR, AVALIAR, REFLETIR E DESCOBRIR POSSIBILIDADES PARA A PRÁXIS DOCENTE[2]

Isac dos Santos Pereira[3]
Universidade Anhembi Morumbi (UAM)

RESUMO

Há quem pense que o Arte/Educador enquanto uma pessoa graduada, especialista em uma linguagem artística após seu curso universitário, esteja livre das pesquisas e descobertas dentro do sistema educacional público; há uma ideia cerceadora em que pese algumas pessoas que não se tem a necessidade de um estudo constante da prática docente. Pelo contrário. Ao passo que ele entra em sala de aula a sua prática atrelada à reflexão constante, que essas podem advir sobre o revisitar as fotografias tiradas no processo das atividades discentes, devem se conformar em uma unicidade para que se torne uma práxis, tal como diria Paulo Freire (1987). Face a essa problemática e diante de um sistema em que à disciplina de Arte lhes restam 45 minutos por semana, a presente pesquisa anseia por salientar sobre a importância das fotografias tiradas pelos estudantes e pelo próprio educador durante as aulas, transformando-as em memórias a serem rememoradas, refletidas e até mesmo impulsionadoras para novas criações pedagógicas e descobertas. A metodologia utilizada é bibliográfica e de campo, com fotos agrupadas pelo pesquisador durante alguns anos de seu exercício como professor. Memórias e práxis são trazidas em pauta como componentes motivacionais e imprescindíveis ao ato de ensinar e pesquisar Arte, evidenciando que mais do que presenças perpetuadas em papéis ou aparelhos fotográficos, tais consolidações mnemônicas são balizadores para conformações didáticas e novas propostas.

Palavras-chave: fotografias; arte/educação; memórias; práxis docente.

---

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

[2] Pesquisa expandida e publicada como artigo científico em autoria com a professora Doutora Ana Mae Barbosa na Revista CLEA 1er semestre Año 2020, número 9.

[3] Doutorando em Comunicação Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). E-mail: isacsantos02@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Diante de conteúdos por vezes tão burocratizados pelo sistema, pelas demandas de normas institucionais dentro de um curto período de aula em escolas públicas de São Paulo, alguns dos diversos conhecimentos dos educandos passam a ser sobrepujados com ideias e ações que de fato os cristalizam, dando lugar ao esvaziamento de sua prática criadora, além do pouco conhecimento por parte do educador no desenvolvimento artístico discente, bem como sua própria práxis. Perante tais inquietações, acredita-se que de acordo com as pesquisas feitas para elucidar os benefícios dos resgates mnemônicos por intermédio das fotografias como processos de avaliação da prática do Arte/Educador e da poética artística dos educandos, que ao fazerem Arte, não só voltados para o produto final, mas também em todo seu avanço criativo, uma aprendizagem muito mais sólida é construída no decorrer desse processo como proposto no decorrer do artigo.

De acordo com Edgard Morin, para se pensar localizadamente "(...) é preciso pensar globalmente, como para pensar globalmente é preciso pensar localizadamente" (Morin, 2002, p.25). As partes não estão e nem devem ser desvinculadas do todo, como também o todo não é uma massa destituída de partes. O todo aqui é entendido como; o processo de evocação de memórias vinculado as fotografias; e as partes, como o que se faz e o que se olha dentro desse processo de resgate que em seu bojo carrega uma amplitude de experiências consolidadas e arquivadas como marca do que aconteceu, mas que não está mais lá, mas que carregam ações de um trabalho de autonomia discente, comunicação, resolução de problemas, cultura, responsabilidade e participação.

O ser humano não é nada sem suas memórias, pois sem elas não sabe de onde veio e terá dificuldades para traçar uma rota para o caminho que vislumbra seu futuro. Da mesma forma o Arte/Educador; não tem práticas exitosas prontamente sem reavaliar o que se passou, sem trazer para o campo da reflexão o que se pode melhorar. Ademais, não se avalia um educando em um curto período de aula em seu processo de aprendizagem sem ter em vista as partes que o constitui como um todo, os

caminhos traçados e escolhidos ao aprender Arte. E como diria Morin (2015), “é necessário colocar a palavra Memória no coração da vida”, pois para haver evolução, sua conformação se torna elemento basal em todo o processo do desenvolvimento humano.

Todo o constructo textual foi elaborado com base em registros reais do autor, Especialista em Artes Visuais que atua como professor de Arte na Escola Municipal Paulo Setúbal, zona sul de São Paulo, no Fundamental I, fazendo um diálogo entre as memórias/fotografias com as práticas pedagógicas desenvolvidas naquele momento com seus educandos, além de validar ações e acontecimentos em sala de aula à luz das teorias sobre Arte, Educação e Memória. Ademais, face às demandas cada vez mais prementes do sistema escolar atual, o presente artigo anseia por salientar e orientar os Arte/Educadores para um processo de avaliação de práticas além de uma possível práxis criadora como ações e objetos auxiliadores dentro de suas curtas aulas dadas durante as semanas. Pretende-se salientar que, mais do que fotos, tais perpetuações imagéticas arquivadas durante as aulas são aqui tomadas como parte inerente no processo de formação do educando e do educador.

Fotografias na sala de aula

Precisamente nas aulas escolas do Estado de São Paulo da qual o pesquisador faz parte, as aulas são dadas desde o fundamental I por um professor especialista em Arte, tendo um tempo de 45 minutos por semana. Elas acontecem nas salas de aulas convencionais, por vezes, e são desenvolvidas em algumas etapas nesse curto período de tempo; retomada da atividade anterior, explicação da atividade nova, o fazer e a avaliação do processo e/ou do produto final tendo como objetivo uma nota para ser lançada no sistema, além disso, se possível for, a autoavaliação da aula dada pelo Arte/Educador. Em vista disso, a proposta achada pelo pesquisador foi a fotografia como parte de consolidação desse processo e retomada consciente e mais palpável.

Mais do que um ver fotografias, ao trazê-las como elementos que constituíram sua prática em sala de aula ou até as fotografias de outros professores, o

Arte/Educador resgata memórias de fatos que já não estão mais lá em sua totalidade, não são mais palpáveis em suas mais infindas experiências e conexões sensoriais, contudo de alguma forma estão perpetuadas na imagem, sim, como objetos estáticos, todavia ainda passíveis de narrativas.

As memórias/fotografias que, devem constituir o processo de análise da prática do docente, são elementos que, ao mostrarem e contarem fatos estimulam o imaginário docente a narrar práticas que foram construídas no processo de ensino e aprendizagem da Arte, além de possibilitar futuras práticas pedagógicas, pois até então tem-se a oportunidade de propor novamente o que foi passado em aula.

Além do fazer como parte do processo artístico dos estudantes abaixo, breve, se justifica que a prática pedagógica recorreu e entende que há uma necessidade da contribuição simultânea defendida pela abordagem triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa (2014, p.42), da reflexão pautada na “(...) história e de teorias da arte que iluminem a leitura da obra de arte assim como de uma prática problematizadora”, pois a “prática sozinha tem se mostrado impotente para formar o apreciador e fruidor da arte”.

Os procedimentos pedagógicos que possibilitaram a construção da atividade e da narrativa imagética abaixo foram; a proposta de aula foi desenvolvida após anteriores aulas em que o pesquisador trabalhou com os alunos técnicas de pinturas, sejam elas mais comedidas, como as pinturas renascentistas e barrocas, ou as mais livres e expressivas, como as pinturas de vanguarda. Posteriormente, em outro dia específico, os alunos teriam que pintar sua tela livremente, sem imposições técnicas, sejam elas gráficas ou pictóricas. A partir do contato com as fotografias, nota-se que o processo pictórico do educando não se resumiu em copiar a obra de Vincent Van Gogh que ele escolheu como base, ou tampouco pesquisar cores e tons mediantes as possibilidades de materiais presentes na aula; todavia ele se pautou por uma obra famosa de Van Gogh para dar voz a sua própria narrativa gráfico/pictórica.

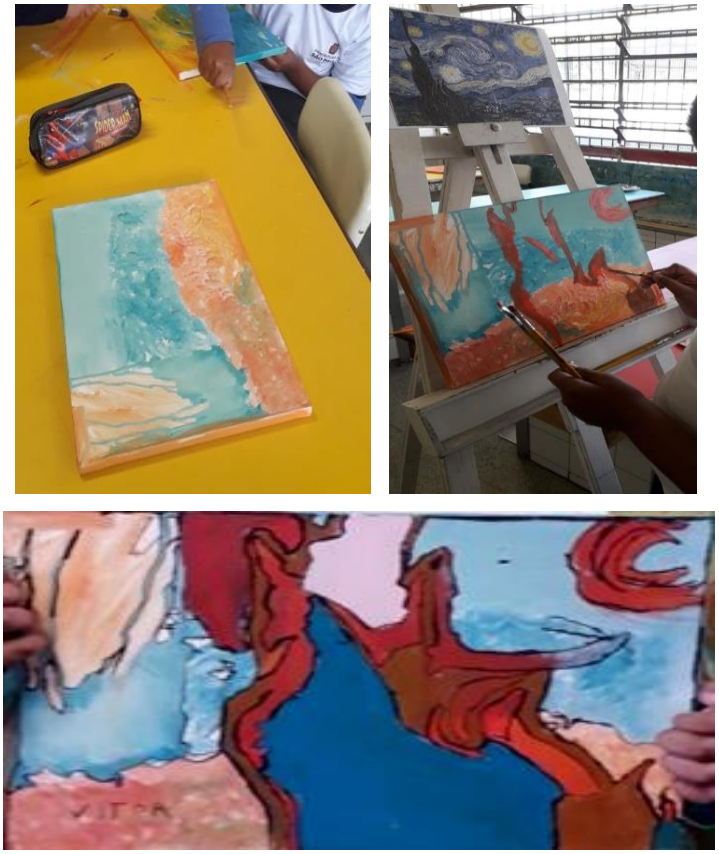


Foto 1,2 e 3: Processo pictórico com base em obra de Van Gogh. Aluno de 4º ano do fundamental I. Fonte: Acervo pessoal, 2019

Face a esse processo evidentemente disposto sobre as fotografias, verifica-se que tal proposta pedagógica é ainda passível de interlocução e reflexão sobre possíveis aulas em que nelas encontrem o trocar cores de uma obra, o resgatar elementos importantes para o educando, além do próprio fundir de técnicas e imaginação infanto-juvenis. Ainda que não demandem mais ações de vias sensoriais como os constructos audiovisuais quando pensado sobre as imagens e os sons articulados que convidam o espectador por apreciá-los, as fotografias seduzem seus contempladores para o resgate de memórias e balizam seus corpos para o campo da imaginação, para o rever, para a tomada de novas ações, e talvez, para o ato criativo.

A memória/fotografia como constructo claro de acontecimentos factuais e passíveis de discussões ao pensá-la como Memórias consolidadas e/ou elemento auxiliar ao retomá-las, revisitá-las, passa a ser mais do que uma cristalização fechada, torna-se dispositivo para a expansão do olhar dentro de um contexto e de uma narrativa

para além do objeto fotografia. Enquanto objeto inerente ao ser humano, a fotografia como uma memória e a memória como também fotografias do passado, fazem com que sejam ressuscitadas experiências vividas, fatos marcantes, possíveis reflexões para novas decisões (Morin, 2015).

> E assim, o fotógrafo, profissional ou amador, surge em cada um dos momentos em que a vida se desvia de seu leito indiferente: viagens, festas, cerimônias, batismos, casamentos. Somente o luto (...) permanece inviolado (Morin, 2014, p.37).

O processo educativo pautado em uma práxis criadora que toma como subsídio as fotografias de suas práticas refletidas para além do “seu leito indiferente”, pode subverter todas as imposições da “escola” no sentido que; além de tornar visível por meio das imagens perpetuadas o desarranjo de um sistema que impõe meros 45 minutos para uma prática que faz parte de uma vida, ele vai compor-se em si mesmo como uma extensão do processo de registro e avaliação das ações dos alunos e do professor.

Ao reverem suas memórias pedagógicas mediante as fotografias, os educadores figuram ações performáticas que os impelem a reflexões pedagógicas, fluindo do plano tangível ao plano imaginário, transcendental e, quiçá, inefável. Seu corpo se dilui nas imagens, nas lembranças, nos sons evocados que outrora compuseram tais momentos; sua alma deixa de ser contemplativa do meio e passa a se inserir no campo das questões, das ações, dos registros, de futuras práticas. Há uma fluidez orgânica entre a fotografia, suas memórias e o fazer arte; há uma personificação de experiências passadas, emanadas e complementadas por seu imaginário.

No decorrer das aulas em que o professor, premido por alguns minutos para mediar um conhecimento tão intelectual e sensorial ao mesmo tempo e por vezes delicado, como a Arte, ele se torna como a testemunha dos fatos, ao passo que também se utiliza da capacidade fotográfica para com ele testemunhar o ocorrido, a laboração do ato criativo discente. Para Paul Ricœur (2000, p.26), “(...) a testemunha constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história”; tão logo,

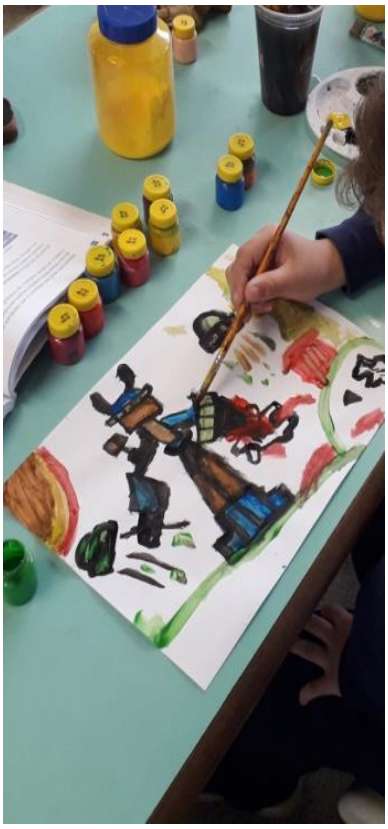
uma história que foi construída por ações docentes, como o caso das atividades em sala de aula, ao passo que é ela testemunhada pelo educador como pessoa dotada da capacidade de armazenamento de memórias, e como suporte utiliza-se das fotografias para além do se lembrar, tem-se a possibilidade premente de rememorações, análises e reavaliações de suas práticas em sala de aula, em rever seu espaço histórico como educador.

Para além do se lembrar, do rememorar, segundo Mattar (2010), o espaço escolar, tanto para quem está lá há algum tempo ou para quem começa a carreira na docência, tem de se transformar em "*lócus* de gestação de uma práxis docente criadora e inventiva" (2010, p.172), todavia, compreende-se aqui que, ele somente se dará através de processos que possibilitem o resgatar e o analisar memórias. Esse *lócus* de gestação que, pode ser considerado um dos grandes horizontes ao ser alcançado pelos Arte/Educadores, visto que sua prática estará desvinculada das padronizações e dos engessamentos constantes do sistema educacional, constrói e propicia diversas outras maneiras para o criar Arte das crianças. Por serem fluidas, constantes e potentes, as aulas que estão pautadas em uma práxis criadora/docente estarão imersas em possibilidades de mudanças de rotas no meio do caminho, escolha de novos repertórios a serem estudados, trocas de direcionamento ao se fazer, contextualizar e ler Arte...

Muito mais do que saber que, enquanto Arte/Educador, ele pode possuir um acervo mnemônico, seja ele constituído por suas próprias memórias ou, por suas memórias/fotografias, é necessário reconhecer que "(...) se lembrar, não é somente acolher, receber uma imagem do passado, é também procurá-la, fazer alguma coisa" (Ricœur, 2000, p.67), destituir-se de possíveis amarras sistêmicas, e agir em sala de aula, com elas (memórias), para além delas, para futuras e novas práticas. Quando assim acontece, o educando se sente de alguma forma parte do processo de ensino/aprendizagem; ele percebe que os saberes advindos do mundo docente não são os únicos que tem valor dentro do sistema educacional, todavia sua cultura, seus gostos, e sua vida também fazem parte do processo de aprender, se costuram na trama sócio/educacional, são lembrados, evocados, conhecidos, revisitados. Ou seja, em consonância com o pensamento de Mattar (2010, p. 176) diante de tais ações, "(...) a

práxis criadora não poderia ocorrer sem que a realidade se impusesse", seja ela advinda dos nichos sociais em que os educandos estão inseridos ou do próprio educador. O olhar sobre esses registros, sobre suas memórias/fotografias, uma pesquisa que é ao mesmo tempo uma ação sobre as imagens construídas no decorrer de suas aulas, permite que o Arte/Educador:

> (...) desenvolva atitudes de investigação que ampliam seu conhecimento tanto quanto sua capacidade de agir sobre a realidade escolar, aperfeiçoando sua prática pedagógica e contribuindo concretamente para a melhoria da situação observada. Uma vez que seus conhecimentos práticos e teóricos são confrontados com as características, as dificuldades e as necessidades reais da escola e dos alunos que a frequentam, sua relação com a instituição escolar deixa de se dar passivamente (Mattar, 2010, p.176; 177).



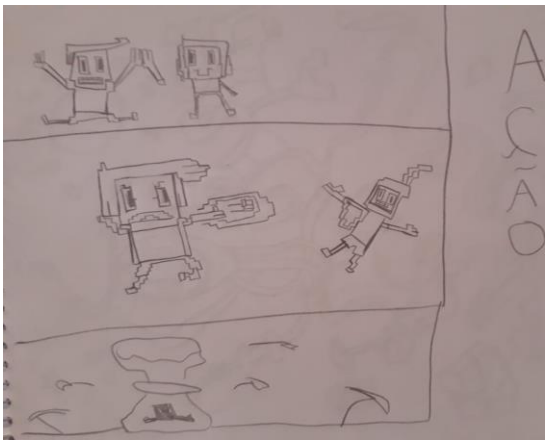


Foto 4,5 e 6: Criação gráfica e pictórica de aluno do 3º ano do fundamental I. Obras criadas a partir do contato do estudante com jogos e desenhos do minecraft. Fonte: Acervo pessoal, 2018 e 2019

Nessa perspectiva, o Arte/Educador não priva o aluno do que ele tem conseguido quando em contato com seu vasto e riquíssimo contexto contemporâneo, todavia somam-se seus saberes advindos de uma formação acadêmica com os de uma educação popular, desprovida de uma égide, quiçá, cerceadora. Um filme que a criança aprecia, uma animação que o adolescente contempla ou diversas composições sonoras arraigadas às narrativas audiovisuais que eles têm contato, como visto na imagem acima, tornam-se substratos para seus atos criativos, possibilidades para conjecturas dentro do campo da Arte, articulação entre suas vivências e experiências com as informações trazidas do meio acadêmico por intermédio do professor.

CONSIDERAÇÕES

A partir dos escritos supracitados, considera-se que ainda restam dificuldades dentro do ensino da Arte no sistema público paulista, resquícios de pensamentos em que a inseriram, infelizmente, ora como paliativo, ora como apresentação e/ou complementação de conteúdos tidos como “importantes”. Em meio a isso, o tempo surge como objeto castrador de processos poéticos e de práticas docentes estendidas. Felizmente, diante dos novos sistemas legislativos em defesa da Arte/Educação como, a LDB (lei nº 9394/96), BNCC e o próprio currículo da Cidade de São Paulo de Arte que a perpetuam e direcionam seu ensino de acordo com os pressupostos teóricos contemporâneos dentro do sistema educacional e a possibilidade tecnológica, verificou-se que a fotografia como um instrumento de perpetuação de memórias torna-se como elemento de extrema importância para o Arte/Educador ao rever suas práticas e ao se deparar com processos de criação dos educandos.

A retomada das aulas com as memórias/fotografias se insere como fator preponderante na constituição do corpo consciente do educador para consigo mesmo, em constante devir, pois ao analisar e rever suas propostas bem como as criações de seus alunos, há possibilidades de novos percursos, de diferentes propostas pedagógicas dentro do ensino da Arte, além de novos e futuros direcionamentos que por vezes dentro dos 45 minutos não seriam possíveis de serem refletidos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.. *L'art au service de la reconstruction sociale*. In *Perspectives* :Revue trimestrielled'éducation comparée. Numéro cent vingt quatre124, L'éducation artistique:défis à l'uniformisation, Vol, 33, Nº4, p. 98-104, dez. 2002.

_____. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos.São Paulo: perspectiva, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IZQUIERDO, I. *Memória*. 2º. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MORIN, E.. *O cinema ou o homem imaginário*: ensaios de antropologia sociológica. Tradução de Luciano Loprete. São Paulo: Editora É Realizações, 2014.

_____. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 7º ed. Rio de Janeiro: Berttrand Brasil, 2002.

_____ . *Débat Edgar Morin et Patrick Curmi* : la mémoire de la vie. 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=mblGZxXIUjg. Acesso em 07 dez de 2019.

RICŒUR, P. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Série essais. Paris: Seuil, 2000.

MATTAR, S.. *Sobre arte e educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula*. Campinas: Papirus, 2010.